

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL - UEMS**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

**ALESSANDRA KESSIA MARIANO COSTA**

**ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO: conhecer para atuar**

**PARANAÍBA/MS**

**2016**

**Alessandra Kessia Mariano Costa**

**ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO: conhecer para atuar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo

**Paranaíba/MS**

**2016**

C87a Costa, Alessandra Kessia Mariano

Altas habilidades ou superdotação: conhecer para atuar/ Alessandra Kessia Mariano  
Costa. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

58f.; 30 cm.

Orientadora: Profa Dra Doracina Aparecida de Castro Araujo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Educação especial. 2. Produção intelectual. I. Costa, Alessandra Kessia Mariano. II.  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia.  
III. Título.

CDD – 371.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

**ALESSANDRA KESSIA MARIANO COSTA**

**ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO: conhecer para atuar**

Este exemplar corresponde à redação final do trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Me. Radaí Cléria Felipe Gonçalves  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Me. Raquel Marques Ribeiro dos Santos  
Prefeitura Municipal de Paranaíba

À Dona Irene Mariano, grande mulher e mãe, é ela  
quem me dá incentivo e me apoia sempre.

## AGRADECIMENTOS

Com esse pensamento de Antoine de Saint-Exupéry: “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”, e com minha postura de agradecer o que me proporcionou chegar até aqui e agradeço especialmente:

- a Deus, pelo dom da vida, por todas as dádivas que me concedeu e me proporciona até hoje, de viver diversas experiências;
- a minha mãe, Dona Irene Mariano, por tudo o que ela fez e continua fazendo por mim, uma palavra amiga, um conselho mesmo que eu não escute. Uma bronca na hora certa, embora não concordar com ela em muitas coisas, ela sempre tem razão e sabe o que é melhor para mim, e faz de tudo pela minha felicidade;
- as Profas. Me. Radaí Cléria Felipe Gonçalves e Raquel Marques Ribeiro dos Santos por aceitarem o convite de participarem da Banca de Defesa, e contribuírem com seus conhecimentos;
- a minha orientadora Profa. Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo, pela paciência e por acreditar em mim, que poderia dar certo, mesmo quando eu não acreditava, e por diversas vezes pensar em desistir, a ela minha gratidão e respeito;
- ao Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que me proporcionou uma excelente experiência, conhecimentos que serão levados para a vida, e saber que podemos e precisamos fazer a diferença;
- a todos os professores, colegas de sala e funcionários da instituição, que direta e indiretamente contribuíram para essa conquista. Com conselhos, broncas, incentivos, fizeram com que acreditasse e assim chegasse à conclusão do curso.

*O professor também necessita testar suas hipóteses a partir do seu referencial teórico e do conhecimento que tem de suas crianças. Ele terá de fazer suas observações da turma e, a partir daí, encontrar alternativas que lhe propiciem uma satisfação maior com os resultados da aprendizagem. É uma construção conjunta de estratégias de ensino e aprendizagem, envolvendo professor e aluno.*

José Juvêncio Barbosa (1994, p. 138).

## RESUMO

Há uma necessidade de se investigar os programas existentes e as ações realizadas com e para alunos de potenciais elevados, bem como disseminar essas informações sobre Altas Habilidades ou Superdotação para contribuir com estudos sobre esse Público-Alvo da Educação Especial (PAEE). A partir dessa assertiva é que se objetivou compreender as atividades realizadas com e para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, a partir de artigos publicados na Revista Educação Especial, no período de 2005 a 2015, a fim de socializar os dados referentes aos alunos PAEE, contribuindo para a ampliação dos estudos sobre o tema. A abordagem qualitativa foi definida para a pesquisa, com a utilização de dados quantitativos, considerando-os não como oponentes, mas sim, complementares. Inicialmente, foi feito o levantamento e a revisão bibliográfica sobre Altas Habilidades ou Superdotação, a partir das contribuições de teóricos com enfoque crítico, especialmente com os estudos de Pacheco (2007), Rodrigues (2006a, 2006b, 2011), Vygotsky (1997, 2004), seguido do mapeamento na Revista Educação Especial, com a utilização de três eixos temáticos: formação docente, processo ensino e aprendizagem e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Como resultado foi observado que os estudos e pesquisas sobre Altas Habilidades ou Superdotação não são novos, mas apresentam muitas lacunas que merecem atenção. Dentre essas lacunas, cita-se: pouca ou quase inexistência de formação para professores e profissionais que podem contribuir para o desenvolvimento dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação; desinteresse dos alunos pelos conteúdos trabalhados, considerando a didática dos professores ao ensinar; falta de AEE para os alunos com altas habilidades ou superdotação, que poderiam ser um diferencial na educação, considerando que esses alunos podem resolver atividades acima da média considerada normal por professores. Conclui-se que a formação docente inicial e continuada é importante para assegurar um processo educacional com qualidade para os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação e, assim, contribuir na identificação desses alunos no processo ensino e aprendizagem, sabendo o momento de encaminhá-los para o Atendimento Educacional Especializado.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Altas Habilidades. Superdotação. PAEE. Produção intelectual.

## ABSTRACT

There is a need to investigate existing programs and actions undertaken with and for high potential students, as well as to disseminate such information on High Abilities or Giftedness to contribute to studies on this Special Education Target Public (PAEE). Based on this assertion, the objective was to understand the activities carried out with and for students with High Abilities or Gifted, from articles published in the Special Education Journal, from 2005 to 2015, in order to socialize the data referring to the PAEE, contributing to the expansion of the studies on the subject. The qualitative approach was defined for the research, with the use of quantitative data, considering them not as opponents, but complementary. Initially, a survey and bibliographical review on High Abilities or Giftedness was carried out, based on the contributions of critical theorists, especially with the studies of Pacheco (2007), Rodrigues (2006a, 2006b, 2011), Vygotsky (1997, 2004), followed by mapping in the Special Education Journal, using three thematic axes: teacher training, teaching and learning process and Specialized Educational Assistance (AEE). As a result it has been observed that studies and research on High Abilities or Giftedness are not new, but present many gaps that deserve attention. Among these shortcomings, there are few or almost nonexistent training for teachers and professionals who can contribute to the development of students with High Abilities or Giftedness; Students lack of interest in the content worked, considering the didactics of teachers in teaching; Lack of EEE for students with high skills or giftedness, which could be a differential in education, considering that these students can solve activities above the average considered normal by teachers. It is concluded that initial and continuing teacher training is important to ensure a quality educational process for students with High Abilities and / or Giftedness, and thus contribute to the identification of these students in the teaching and learning process, knowing the moment to refer them to Specialized Educational Assistance.

**Key words:** Special Education. High Abilities. Giftedness. PAEE. Intellectual production.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO: CENÁRIOS TEÓRICOS E POLÍTICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2. REVELAÇÕES DOS AUTORES DA REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL SOBRE ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Formação Docente.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 Processo ensino e aprendizagem.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3 Atendimento Educacional Especializado.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

*A inclusão escolar envolve, basicamente, uma mudança de atitude face ao Outro: que não é mais um, um indivíduo qualquer, com o qual topamos simplesmente na nossa existência e com o qual convivemos um certo tempo, maior ou menor, de nossas vidas. O Outro é alguém que é essencial para a nossa constituição como pessoa e dessa Alteridade é que subsistimos e é dela que emana a Justiça, a garantia da vida compartilhada.*  
 Roberta Gaio e Rosa G. KrobMeneghetti (2010, p. 81).

A Educação Inclusiva envolve a relação exclusão e inclusão, a qual é vista como fator fundamental para o desenvolvimento da sociedade, que hoje requer educadores preparados sobre os processos educacionais e necessidades especiais de pessoas com deficiência, para que estes possam conhecer seus alunos em sala de aula e, assim, propiciar condições favoráveis de aprendizagem, desenvolvimento de talentos e a realização do potencial de seus alunos. Para que isso ocorra é relevante, como afirma Gaio e Meneghetti (2010), que ocorra mudança de atitude, valorização do outro, justiça, alteridade, para a convivência em uma vida compartilhada.

Nessa direção, temos que considerar vários fatores, tendo na cultura, que em suas práticas e valores orientam muitas ações do ser humano, uma atenção especial. Desta forma, como Fumegalli (2012), entendemos que “[...] o resultado de um processo histórico de construção de valores morais parte das diferentes culturas. Este movimento do que é normal/anormal, também parte para a educação e provoca movimentos no contexto escolar”. (FUMEGALLI, 2012, p. 17).

No decorrer da realização do curso de Pedagogia, nesses quase quatro anos, nas discussões em sala de aula, nos estágios supervisionados realizados na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID) é que houve o interesse pelo tema, principalmente quando iniciei<sup>1</sup> um diálogo com a orientadora, momento que verifiquei a necessidade de estudos sobre o tema altas habilidades e superdotação.

Essa verificação se deu quando percebi que alguns alunos são mal compreendidos nos espaços escolares, sem sequer terem a oportunidade de serem avaliados, muitas vezes julgados como indisciplinados, incivilizados, violentos por atos que cometem após realizarem

---

<sup>1</sup> Utilizo a primeira pessoa do singular apenas quando falo especificamente de minha ação e atuação, na condição de discente e de estagiária.

as atividades com rapidez ou até mesmo ao não terem interesse pelas atividades propostas, considerando que estão aquém de suas potencialidades.

De acordo com o quadro é evidente para quem está na escola todos os dias como para nós estagiários, que permanecemos um tempo reduzido, mas que ficamos preocupados com a não observância às ações e atitudes de alguns alunos que se destacam, mas que são obrigados a se silenciarem porque os professores não sabem o que fazer com eles, não buscam a realização de uma adaptação nas atividades, tendo uma prática pedagógica sempre homogênea para a turma.

Na esteira da discussão sobre inclusão, exclusão, formação docente, prática pedagógica, é que busquei leituras e pesquisas sobre o tema Altas Habilidades ou Superdotação, que mesmo não sendo novos, apresentam muitas lacunas que merecem atenção. Esses alunos deixados em segundo plano, talvez pudessem ser mais bem trabalhados e apresentarem resultados surpreendentes na escola.

Ao realizar a revisão bibliográfica, identifiquei algumas lacunas, dentre elas algumas ideias errôneas de que pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação seriam gênios, jovens inventores com registros de novas patentes<sup>2</sup>, o melhor aluno da sala ao longo de sua formação acadêmica ou a criança precoce que aprende a ler sem a ajuda dos pais ou professores.

Não há concordância entre diferentes autores no que concerne à definição de superdotado. Assim, enquanto alguns fazem distinção entre o indivíduo superdotado e o talentoso, utilizando o primeiro termo para fazer referência apenas aos indivíduos com uma habilidade excepcional na área intelectual ou acadêmica e o segundo termo para aqueles indivíduos com habilidades excepcionais nas artes, música ou teatro, outros discriminam ainda o indivíduo altamente criativo como parte de um grupo especial. (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 57-58).

A definição do termo Altas Habilidades ou Superdotação foi contemplada na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 09) como se referindo aos alunos que têm um potencial elevado em áreas “[...] isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse [...]”, sendo corroborado no Decreto 7.611, aprovado em 17 de novembro de 2011:

---

<sup>2</sup>Considera-se Patente um documento formal, expedido por uma repartição pública, por meio do qual se conferem e se reconhecem direitos de propriedade e uso exclusivo para uma invenção descrita amplamente. Trata-se de um privilégio concedido pelo Estado aos inventores (pessoas física ou jurídica) detentores do direito de invenção de produtos e processos de fabricação, ou aperfeiçoamento de algum já existente. (SEBRAE/BRASIL, 2016).

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e **Altas Habilidades ou Superdotação**.

§ 1º Para fins deste Decreto, os serviços de que trata o caput serão denominados atendimento educacional especializado, compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas:

I - complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais; ou

II - **suplementar à formação de estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação**. (BRASIL, 2011, n.p., grifo nosso).

O termo Altas Habilidades ou Superdotação, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isto provavelmente se dá porque a palavra as remetem aos super-heróis das histórias em quadrinhos que, com seus poderes sobrenaturais, as fazem se sentir diferentes dos demais. Já em 1994, houve uma definição para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação:

A Política Nacional de Educação Especial define como altas habilidades/superdotação os educandos que apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora. (BRASIL, 1994, n.p.).

Para Virgolim (2007), se a criança descobre cedo que é “diferente” dos colegas e que a comunicação é difícil devido à diferença de vocabulário e modo de se expressar, pode vir a não ser aceita pelos amigos. Assim é que os primeiros anos escolares, que deveriam fomentar o ímpeto para o entusiasmo e aprendizagem nos anos vindouros, pode ser um sinal, para o aluno brilhante, de fracasso e insucesso.

Muito frequentemente a criança aprende a esconder ou negar suas habilidades, passando a desenvolver problemas comportamentais ou psicológicos, a fim de melhor se adaptar às demandas do ambiente escolar. Além disso, a maioria dessas crianças demonstra um padrão desigual de desenvolvimento cognitivo, expresso em diferenças entre o desenvolvimento intelectual e o emocional ou psicomotor, por exemplo. (VIRGOLIM, 2007).

Segundo Fleith (2007) é discutido o papel da família, da escola e da sociedade no desenvolvimento dos talentos. As habilidades mentais essenciais em uma sociedade que prima pela mudança e transformação contínuas são pontuadas, tendo como foco o papel da pessoa com altas habilidades nessas transformações.

A criatividade, o pensamento crítico e habilidades analíticas devem ser combinados para aumentar as chances de sucesso na sociedade atual. Assim, torna-se necessário entender como os educadores podem contribuir para desenvolver o talento e o potencial dos filhos ou alunos desde tenra idade, tendo em mente que o ambiente é o principal promotor das capacidades superiores que um dia vão desabrochar de forma plena (FLEITH, 2007).

A autora também destaca que os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação necessitam de serviços educacionais diferenciados, que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui modificação do currículo e métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais.

A identificação não pode ser realizada por qualquer pessoa, mas é importante salientar que as habilidades destacadas sejam avaliadas por pessoas que tenham competência ou domínio das habilidades em questão como, por exemplo: uma criança que se destaca no desenho pode ter essas habilidades reconhecidas por seus pares, porém, é importante que sua produção seja submetida à avaliação de um professor de artes ou especialista que efetivamente poderá identificar se aqueles traços expressam os indicadores de altas habilidades: precisão, originalidade, dentre outros. Para Virgolim (2007, p. 09-10) é interessante:

Conhecer os pontos fortes e os interesses dos alunos, suas necessidades cognitivas, sociais e afetivas peculiares, a fim de dar-lhes oportunidades de construir seu próprio conhecimento, no seu próprio ritmo. Talvez assim possamos transformar suas potencialidades e promessas, sinalizadas em seus primeiros anos em certezas e realizações.

De acordo com Fleith (2007) as pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação podem apresentar características que se manifestam precocemente ou no decorrer da vida, de forma isolada ou combinada. Como também apresentar assincronismo evolutivo, que é o desequilíbrio nos ritmos de desenvolvimento intelectual, emocional ou motor. Como exemplo, podemos citar o caso de uma criança que na escrita apresenta desempenho compatível com sua faixa etária, no entanto, pode destacar-se apresentando domínio superior na leitura, quando comparado com seus pares.

Virgolim (2007) pressupõe que nem todos os alunos superdotados ou com altas habilidades apresentem as mesmas características. Quando as apresentam, isso não se dá, necessariamente, em simultaneidade e no mesmo nível. O importante é que não se deve generalizar. Alunos podem ter desempenho expressivo em algumas áreas, médio ou baixo em outras, dependendo do tipo de altas habilidades ou superdotação.

Para compreender essa questão e não generalizar é importante avançar em outra direção, a dos alunos com dificuldades de aprendizagem ou com deficiência intelectual, que muitos professores acreditam que não desenvolverão. Para Vygotsky (1997) “[...] a criança cujo desenvolvimento está complicado por um defeito, não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que seus pares normais, mas desenvolvida *de outro modo*” (VYGOTSKY, 1997, p. 12, grifos do autor), ou seja, do outro lado da situação também tem compreensões que destoam da teoria de Vygotsky.

Independente das condições do aluno para aprender, não se deve limitar o ensino para que ele permaneça no nível de desenvolvimento atual. Vygotsky (2004) ao se referir à criança com deficiência afirma: “[...] o nível que ela atingiu no processo do seu desenvolvimento e que é determinado com o auxílio de tarefas que [...] resolve com autonomia”. (VYGOTSKY, 2004, p. 501-502). Ou seja, independente de que aluno PAEE estamos tratando, é importante que o ensino seja desafiador, propiciando avanços.

Mediante ao que foi discutido, considerando a importância da formação de professores e a necessidade de organização de sistemas educacionais inclusivos para a concretização dos direitos dos alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE)<sup>3</sup> é que algumas questões, que tem sido dúvidas de discentes que estão em formação e até mesmo dos professores que estão atuando em salas de aula, que nos levaram à definição por analisar artigos publicados, advindos de pesquisas já realizadas, em uma Revista específica da área da Educação Especial, delimitado ao período de 2005 a 2015.

Dentre as questões que buscamos responder a partir dos artigos da Revista Educação Especial, estão: as pesquisas realizadas no Brasil e publicadas nas revistas especializadas apresentam dados sobre a formação docente? Como ocorre o ensino e aprendizagem de alunos com Altas Habilidades ou Superdotação nas escolas, a partir das revelações dos autores dos artigos mapeados? O AEE atende às necessidades dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, ou seja, esses espaços educacionais dispõem de recursos suficientes para desenvolver o potencial e as habilidades desses alunos, conforme artigos mapeados nas revistas?

A partir das questões suscitadas é que objetivamos compreender as atividades realizadas com e para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, a partir de artigos

---

<sup>3</sup> O Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) está regulamentado no Decreto Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, no Art. 1º, § 1º “Para fins deste Decreto, considera-se público-alvo da educação especial as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com Altas Habilidades ou Superdotação”. (BRASIL, 2011, n.p.).

publicados na Revista Educação Especial, no período de 2005 a 2015, a fim de socializar os dados referentes aos alunos PAEE, contribuindo para a ampliação dos estudos sobre o tema.

Para tanto, utilizamos a abordagem qualitativa, com a utilização de dados quantitativos, por considerarmos que as mesmas não são oponentes, mas sim, complementares. Inicialmente, foi feito o levantamento e a revisão bibliográfica sobre o tema, a partir das contribuições de teóricos com enfoque crítico, especialmente com os estudos de Pacheco (2007), Rodrigues (2006a, 2006b, 2011), Vygotsky (1997, 2004), seguido do mapeamento nas revistas, com a utilização de três eixos temáticos: formação docente, processo ensino e aprendizagem e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para atingir ao objetivo definido, essa pesquisa se organizou em algumas etapas, que apresentamos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A primeira parte da pesquisa está apresentada no primeiro capítulo, que discute como a criança com Altas Habilidades ou Superdotação é vista e identificada no convívio social, escolar e familiar. Destacando os diferentes enfoques teóricos, critérios de avaliação e conhecendo leis que protegem e asseguram os direitos dessas crianças.

Já o segundo capítulo, apresenta as revelações dos autores quanto à formação docente para atuar com os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação; o funcionamento do processo ensino e aprendizagem com atenção ao convívio e a como são vistos dentro da sala de aula, a relação com os colegas, a relação aluno/professor e professor/aluno, além de buscar identificar o trabalho realizado no AEE para e com esses alunos. Buscaremos responder o porquê os professores sentem-se inseguros diante de uma criança com Altas Habilidades ou Superdotação e o desinteresse com relação a buscar conhecimentos e incluir a criança dentro da sala de aula, além da possível resistência por parte dos alunos.

Finalizamos este texto com as considerações finais, momento em que retornamos às questões de pesquisa e aos objetivos, além de propormos novas possibilidades de estudos, a partir do que levantamos nos artigos da Revista Educação Especial (2005-2015), a fim de contribuir com outros estudiosos que pretendem pesquisar esse tema.

## 1. ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO: CENÁRIOS TEÓRICOS E POLÍTICOS.

*Todos os alunos sejam suas dificuldades e incapacidades reais ou circunstanciais, físicas ou intelectuais, sociais, têm a mesma necessidade de serem aceitos, compreendidos e respeitados em seus diferentes estilos e maneiras de aprender e quanto ao tempo, interesse e possibilidades de ampliar e aprofundar conhecimentos, em qualquer nível escolar.*

Roberta Gaio e Rosa G. KrobMeneghetti (2010, p. 83).

Nos temas Altas Habilidades ou Superdotação se apresentam questões polêmicas, e uma delas é o uso de nomenclaturas ou termos que a defina, pois era denominada a população com características de capacidades superiores. A maior parte desses alunos não é identificada e a matrícula escolar não garante a inclusão educacional.

Mesmo com a Carta Constitucional do Brasil, aprovada em 1988, que reza em seu art. 3º, inciso IV, como um dos seus objetivos fundamentais: “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988), ainda existe muita exclusão por preconceitos de todos os tipos, inclusive contra os alunos PAEE.

É preciso que docentes e discentes respeitem e saibam trabalhar com as diferenças, sem promover discriminação de seus iguais, seus direitos, fazendo com que todos sejam inclusos ao meio em que vivem. As deficiências são vistas como características que marcam os alunos, que, em muitas situações, não são superadas pelo descaso no trabalho pedagógico. É importante que os envolvidos em processo de educação formal (escola) ou informal (família) compreendam as especificidades de diferentes tipos de deficiências, desde sua composição biológica, cultural, social, política e humana.

Seguindo a análise do texto legal da Constituição Brasileira, chegamos ao artigo 205, que trata especificamente sobre a Educação, em que destaca a garantia de todos à educação, com pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “[...] igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, como um dos princípios para o ensino e, garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, no artigo 208 (BRASIL, 1988).

Apesar da Constituição de 1988 garantir o direito à educação de todos, os governantes e equipe escolar não verificaram as formas de atendimento às necessidades educacionais do

aluno PAEE, ficando definido apenas o acesso à escola, não o processo de ensino e aprendizagem, com atenção para o desenvolvimento dos alunos.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394, em 20 de dezembro de 1996, também denominada de Lei Darcy Ribeiro (BRASIL, 1996), apresentou alguns avanços em relação à legislação anterior, mas nada considerado de grande conquista, mesmo que tenha garantido aos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, o reconhecimento quanto às suas necessidades de atendimento educacional especializado. (BRASIL, 1996). E mesmo sendo reconhecidos pelo alto desempenho escolar, não são incluídos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível, com enriquecimento escolar, que embora brilhantes, muitas vezes são considerados trabalhosos e indisciplinados.

O movimento de integração das pessoas com necessidades especiais começou na década de 1960, mas teve maior impulso na década de 1990, com a LDB 9.394/96, que estruturou a educação escolar, definindo que a educação é dever da família e do Estado, como consta em seu Art. 2º: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996). Ficando estabelecido que a escola regular deve oferecer apoio especializado para atender as necessidades dos alunos com deficiência. Deixando claro que a oferta da educação especial deve ter início na faixa etária de zero a cinco anos, durante a educação infantil.

O desafio que confronta a escola inclusiva é no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de bem sucedidamente educar todas as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. O mérito de tais escolas não reside somente no fato de que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças: o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva. (BRASIL, 1994, p. 04).

A pessoa com deficiência tem o direito à educação na escola regular desde a educação infantil até o ensino superior ou técnico, como consta na Lei 9394/96, Art. 22: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996), ficando sobre responsabilidade da escola, oferecer condições físicas e pedagógicas para esses alunos.

As Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº2/2001 (BRASIL, 2001a), propõe a inclusão como a reestruturação do sistema educacional para que a escola se torne um ambiente democrático e competente para o trabalho com todos os alunos. Descrevendo a Educação Especial como modalidade escolar definida em uma proposta pedagógica, com uma proposta concreta para apoiar e complementar, assegurando que o atendimento ao aluno com deficiência comece já na educação infantil.

A classe inclusiva precisa ser pré-planejada. Aspectos importantes são a formação de relacionamentos, ambiente afetoso e generoso, igualdade, a possibilidade de apoio permanente e altas expectativas em relação a necessidades múltiplas. As estratégias valorizadas são o trabalho em equipe de professores e alunos, a aprendizagem cooperativa, a intensidade das relações sociais, as adaptações de equipamentos e a gestão curricular. (PACHECO, 2007, p. 115).

A escola deve oferecer condições de acessibilidade, com eliminação de barreiras arquitetônicas em sua edificação, com o atendimento do aluno com deficiência em salas comuns do ensino regular, ficando garantido o atendimento em salas de recursos multifuncionais caso seja necessário.

Importante considerar que a Lei 9394/96 referendou a Lei n.º 8069/90 (BRASIL, 90) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que declara no Art. 5º que: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. (BRASIL, 1990).

Os documentos como a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (JONTIEN, 1990) e a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade - Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), influenciaram a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

Independente das condições físicas, emocionais, motoras ou classe social do aluno, a escola deve acomodar a todos, com o direito ao respeito por suas diferenças, com uma pedagogia centrada na criança, em que a escola deve dar a emancipação do ser humano, que entenda a educação como fato social, político e cultural.

[...] Uma escola aberta à diversidade, isto é, que respeite e ressignifique as diferenças individuais, bem como que estimule a produção de respostas criativas, divergentes, em oposição às estereotípias e a homogeneidade do sócio-culturalmente entendido como “normal”. Tal perspectiva implica numa redefinição do papel da escola, a partir da mudança de atitude dos professores e da comunidade. (CARVALHO, 2002, p. 59).

Após a Declaração de Salamanca (1994), que objetivou a superação do Paradigma da Integração ou de Serviços, para o Paradigma da Inclusão ou de Suportes, dando ênfase nas modificações necessárias para que se concretizasse uma educação para todos, e que tinha como máxima que a escola deve buscar uma educação de qualidade. Foi acordado por países signatários dessa Declaração que existem diferenças, mas elas devem ser tratadas com normalidade. Assim, o processo de inclusão é para todas as crianças independentes de condições financeiras, problemas de aprendizagem ou com deficiência, e para que isso ocorresse, a escola deveria dar condições para um aprendizado de qualidade.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva objetivou o acesso à participação e à aprendizagem dos estudantes com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades ou Superdotação nas escolas regulares (MEC/SECADI), e caso o aluno necessite de atendimento especializado, seu oferecimento é obrigatório e deve ocorrer no turno inverso ao frequentado pelo aluno na classe regular. Com propostas de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e acessibilidade de acordo com as necessidades do aluno.

O sucesso das propostas de inclusão decorre da adequação do processo escolar à diversidade dos alunos e quando a escola assume que as dificuldades experimentadas por alguns alunos são resultantes, entre outros, do modo como o ensino é ministrado, a aprendizagem é concebida e avaliada. (GAIO; MENEGHETTI, 2010, p. 79).

Compreendemos que a legislação em vigor no Brasil contempla as especificidades dos alunos PAEE, mas quando vai para a implementação dessa legislação começa o comprometimento, como: espaços escolares não adequados e com problemas de acessibilidade; muitos professores com pouca formação para compreenderem os direitos dos alunos, mesmo que tenham cursos específicos para educação especial; cursos de formação continuada que não atendem às necessidades do atendimento ao aluno PAEE; entre muitos outros problemas que prejudicam a plena execução da legislação.

[...] os professores apresentam uma formação acadêmica adequada quanto aos cursos de graduação e pós-graduação, 51,7% da amostra apontam ter realizado cursos específicos de formação para a inclusão, no entanto, 84,5% da amostra consideram-se despreparados para esse processo, assim como em relação ao conhecimento das legislações, pôde-se evidenciar que uma parcela significativa aponta não conhecer as legislações específicas que cercam a questão. (TERRA; GOMES, 2013, p. 109)

Teóricos e estudiosos do tema Altas Habilidades ou Superdotação têm realizado pesquisas e publicado os dados, a fim de contribuir com esse PAEE, mas ainda não são suficientes, considerando a demanda em diferentes localidades do País, essas pesquisas não chegam ao ambiente escolar, para que professores e alunos se beneficiem dos resultados dessas pesquisas, muitas vezes financiadas por recursos financeiros públicos.

Os temas Altas Habilidades ou Superdotação podem ser facilmente encontrados nas referências bibliográficas, mas tratar dessa questão exige perícia e responsabilidade. É entendido como um fenômeno multidimensional e os conceitos de Superdotação são influenciados pelo contexto histórico e cultural, que pode variar de cultura para cultura.

Os superdotados apresentam habilidades acima da média em um ou mais domínios, seja intelectual, artístico, social, criativo, esportivo ou psicomotor. Abrange uma infinidade de variáveis e características, que mediam o desenvolvimento de seu comportamento. Nem todos os superdotados apresentam as mesmas características e comportamentos. Winner (1998) destaca algumas delas:

- preferência por novos arranjos visuais;
- desenvolvimento físico precoce (sentar, engatinhar e caminhar);
- destaque em raciocínio lógico e abstrato;
- preferência por brincadeiras individuais;
- preferência por amigos mais velhos, próximos a ele em idade mental;
- interesse por problemas filosóficos, morais, políticos e sociais.

O aluno com Altas Habilidades ou Superdotação apresenta característica intelectual que vai além da inteligência normal dos outros alunos de sua idade. A identificação e avaliação constitui-se um desafio para educadores e psicólogos, em que a identificação tem que ser feita com base nos referenciais teóricos e pesquisas sobre o tema. (WINNER, 1998).

Winner (1998) traz algumas considerações afirmando que o processo de identificação deve estar contido em diversas fases e a identificação precoce é necessária para assegurar o desenvolvimento saudável da criança. A identificação do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação requer uma sequência de inúmeros procedimentos, com etapas bem definidas e instrumentos apropriados, e que a identificação seja um processo contínuo.

A família e o professor são importantes nesse processo, pois podem fornecer informações sobre os interesses do aluno, quanto aos hábitos de leituras, o que gosta de fazer, descrevendo características, áreas de interesses, relação com os demais familiares e colegas de sala. Desta forma, a interação entre escola e família é muito importante nesse processo de identificação das habilidades do aluno. (WINNER, 1998).

Segundo Chacon e Paulino (2011) há diferentes enfoques teóricos que levam diferentes critérios quanto à identificação de aluno com Altas Habilidades ou Superdotação: quanto ao desempenho (WINNER, 1998; GARDNER, 2003, 2005, 2007; RENZULLI, 1977, 1985, 1986), quanto ao potencial (FREITAS, 2006; GUENTHER, 2006; CUPERTINO, 2008). Muitos autores têm trabalhado com essa questão, mesmo que de diferentes concepções pedagógicas.

As Altas Habilidades ou Superdotação são temas muito questionados e comprometidos, tanto na identificação quanto na escolarização, devido ao desconhecimento das formas de atendimento e pela vinculação de que a Educação Especial é somente para pessoas que apresentam grandes comprometimentos como os alunos com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) severo e as diferentes deficiências, como a intelectual severa, a surdez, a cegueira, entre outros comprometimentos.

Dentro da sala de aula ou no âmbito escolar, a relação aluno e professor deve ir além do aprendizado, tendo respeito e companheirismo. O professor ao utilizar recursos humanos e materiais para a mediação de conhecimentos suprirá as necessidades de seus alunos. Esse professor poderá buscar estratégias inovadoras que chamem a atenção e respeito de seus alunos, entendendo que deve agir com disciplina, e não com autoridade, obedecendo e respeitando o tempo e especificidade de cada criança.

Diversos mitos foram levantados a respeito da criança com Altas Habilidades ou Superdotação, dentre eles destacam-se: ‘gênios’, ‘prodígios’, pessoas que são boas em todas as áreas e provém das classes sociais mais altas. Atualmente, pesquisas sobre a área chegaram à conclusão que as Altas Habilidades ou Superdotação estão presentes em diversas áreas, como na criatividade, motora, etc, que, inclusive, não podem ser avaliadas por valores numéricos. (CHACON; PAULINO, 2011).

Segundo Perez e Freitas (2014), a função do AEE é identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas, em que os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação merecem uma educação que valorize e respeite suas necessidades, talentos e aptidões, ou seja, a equipe multidisciplinar do AEE tem grande responsabilidade para a aprendizagem e desenvolvimento desses alunos.

Muitos diagnósticos equivocados são levantados sobre pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação, pois são apresentados com visões distorcidas, devido a falta de instrumentos e conhecimentos por parte dos profissionais. A identificação deve ser feita o mais cedo

possível, desde a pré-escola e por meio de sua trajetória acadêmica, para que esses alunos não desanimem do processo educacional.

Para Pérez (2009) o processo de identificação, muitas vezes, está baseado em preconceitos e com o pensamento de que pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação não existem, e que não necessitem de atendimento, de educação, e são esquecidas nas escolas, por possuírem capacidades elevadas em relação ao seu grupo. Em muitos casos são estereotipadas como “crianças prontas”, sem necessidade de atendimento especial, pois já são “boas em tudo” e “sabem de tudo”.

Ao identificar o aluno com Altas Habilidades ou Superdotação, o professor depara-se com uma desafiante e assustadora tarefa. Arantes, Mantoan e Pietro (2006) defendem que: “os conhecimentos sobre o ensino de alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser de domínio apenas de alguns ‘especialistas’ e sim apropriados pelo maior número possível de profissionais da educação, idealmente por todos [...]”. (ARANTES; MANTOAN; PIETRO, 2006, p.58).

De acordo com Delpretto (2010) “o desenvolvimento de ações, em conjunto com a identificação do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação, não vem recebendo a devida atenção. Dentre muitos problemas, é possível citar alguns obstáculos: falta de preparo da equipe escolar, não utilização de um currículo adaptado; falta de equipamentos ou materiais adequados nas salas de atendimento educacional especializado”.

O contexto escolar não está estruturado para atender as necessidades educacionais dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, em que um dos muitos problemas com esses alunos tem a ver com o desestímulo e frustração diante de um ambiente escolar pouco desafiante. A escola deve oferecer atendimento segundo suas características e necessidades, com estratégias metodológicas diferenciadas. Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação não têm sido identificados e nem estimulados nas escolas, ficando evidenciado que o tema traz polêmicas que promovem barreiras atitudinais, preconceito e falsas inclusões, sendo que orientações inadequadas podem originar problemas para a criança, tanto de ordem cognitiva, quanto psicológica e social.

Pacheco (2007) acredita que não existe receita única para o desenvolvimento do quadro pessoal com relação à educação escolar inclusiva, pois essa pode ser considerada uma visão que precisa ser pensada e trabalhada em todos os níveis da escola. Deve ter noção de que todo aluno tem necessidades pessoais e especiais, lançam uma luz diferente sobre a organização das escolas, a colaboração, o planejamento curricular, etc. “E a necessidade de os professores aprofundarem seus conhecimentos e adquirirem novas habilidades torna-se crítica

para atender às várias necessidades dos alunos”. (PACHECO, 2007, p. 211). A partir do momento que a escola decide priorizar as várias necessidades dos alunos, faz-se necessário a reorganização global da escola, onde os professores devem trabalhar para melhorar e aperfeiçoar suas habilidades e atitudes.

O autor acredita que as atividades internas para o desenvolvimento do pessoal orientadas pelo contexto precisam ser conduzidas constantemente. Pois, o desenvolvimento efetivo do pessoal não acontece sem um propósito e sem esforço, precisa ser pensado o tempo disponível e reorganizado de acordo com as necessidades deles. Segundo Pacheco (2007) os alunos não são vistos apenas como fatores constantes do contexto escolar, mas também como fontes de troca colaborativa de pontos de vista sobre situações e sobre como a vida nas escolas pode ser melhorada. As contribuições que os pais podem dar são de muito valor. Estes são especialistas em seus filhos e, como tais, têm conhecimento, habilidades e compreensão; o que é muito vantajoso para os professores.

Rodrigues (2006a) propõe dar ênfase no desenvolvimento, na aprendizagem e em sua avaliação, em que o processo de investigação documental aliada à prática docente poderia constituir a coluna vertebral de um plano de estudos que atenda à diversidade e permita a realização das adequações curriculares correspondentes para a atenção às necessidades educacionais especiais, sejam estas transitórias ou permanentes.

O autor Rodrigues (2006a) também acredita que as práticas pedagógicas na educação de alunos PAEE estão sujeitas às influências do pensamento de que as pessoas com deficiência têm “dificuldades de aprender”, em razão de considerá-las com limitações orgânicas, porém, há uma nova maneira de se ver a educação, que para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada com base no entendimento de que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. Sendo necessário preparar a escola para incluir nela o aluno PNEE, a fim de que os benefícios sejam múltiplos para todos os envolvidos com a educação: os alunos, os professores e a sociedade em geral. Sempre que possível, todos os alunos devem aprender juntos, independentemente de suas dificuldades ou talentos, deficiências, origem socioeconômica ou cultural em escolas e salas de aula provedoras, nas quais todas as necessidades são satisfeitas.

A atual situação da formação de professores, sobre a necessidade de inserção no movimento de profissionalização fundamentado na concepção de competência profissional, com métodos e metodologias pautadas na articulação teoria – prática, na resolução de situação – problema e na atuação do professor sobre sua atuação profissional. Devendo incluir

programas/conteúdos que desenvolvam as habilidades de um profissional intelectual para atuar em situações singulares. (RODRIGUES, 2006a).

O pensamento da criança de pouca idade é fortemente determinado pelo que percebe e memoriza, Vygotsky (2009) defende a ideia de que a criatividade não é um fenômeno raro nem natural do ser humano, mas sim um processo presente na realidade cotidiana. A criatividade está ligada à reprodução de fatos anteriormente vividos e registrados na memória e à capacidade de mudar o que foi mantido nela.

Portanto, a capacidade criativa está relacionada à combinação de elementos em novas configurações e a mudança da realidade. Quanto mais ricas são as experiências vivenciadas pela criança, mais possibilidades têm de desenvolver a imaginação e a criatividade em suas ações, em especial por meio das brincadeiras. Vygotsky (2009) salienta que a vida está plena de premissas necessárias para criar, e tudo o que vai além da rotina, envolvendo uma partícula mínima de novidades, se origina no processo criador do homem. Por mais individual que pareça, toda criação encerra em si um coeficiente social. Todo inventor, por genial que seja, reflete sua época e seu ambiente.

Vygotsky (2009) destaca ainda que a origem do pensamento generalizante está no desenvolvimento da imaginação criativa. Ao ouvir relatos de fatos, descrições de objetos vistos por outros olhos ou escutar histórias de culturas distantes eles encontram um material rico para construir ideias.

Com as considerações legais e teóricas é possível afirmar que os estudos sobre Altas Habilidades ou Superdotação estão avançando, mesmo que em um ritmo lento. Para essa identificação quanto aos estudos na área é que definimos por realizar o mapeamento na Revista de Educação Especial, editada em Santa Maria, para verificar o que seus autores revelam sobre os temas formação docente, processo ensino e aprendizagem e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

## 2. REVELAÇÕES DOS AUTORES DA REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL SOBRE ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

*Defendendo que todas as crianças podem aprender nas interações com os demais, entendo que ter em sala de aula um grupo de alunos com diferentes possibilidades exige que pensemos a aprendizagem de forma coletiva e diferenciada do modelo de escola que temos hoje. [...]. Esta seria a síntese de uma argumentação teórica para a defesa de que todos os alunos podem ser educados nos espaços de ensino comum.*

Cláudio Roberto Baptista (2006, p.151).

A Revista Educação Especial (REE), organizada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), objetiva veicular artigos inéditos na área da Educação Especial. No período definido para a pesquisa 2005 a 2015, a REE teve alteração em sua periodicidade, de 2005 a 2008 teve publicação semestral, a partir de 2009 passou sua publicação para quadrimestral. A Revista Educação Especial começou a ser impressa em 1986, com a publicação eletrônica iniciada em 2000, com quantitativo de artigos variável por número.

A Revista está bem avaliada pela Capes no Qualis/Capes de 2014 como B2, o que desperta o interesse por publicações de todo o País por docentes vinculados a Programas de Pós-Graduação que trabalham com Educação Especial. Têm como público-alvo estudantes, professores e pesquisadores da área da educação especial, além do público geral interessado na área de Educação Especial.

Foram 38 artigos mapeados na REE sobre Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD), constante nos títulos dos sumários, que definimos como descritor de pesquisa, no período de 2005 a 2015. Desses artigos, doze foram resultantes de um Dossiê Temático, em 2014 (Apêndice J, Tabela 10), com temas que abordaram: programas e instrumentos para identificação dos alunos com AH/SD, resultados de produção acadêmico-científica sobre AH/SD, políticas públicas para AH/SD, currículo, talentos, afetividade e teorias na discussão de AH/SD, tendo o primeiro tema sido abordado em seis artigos e os demais temas em um artigo cada.

Em 2006, foram publicados seis artigos, dois no número 27 da Revista e quatro no número 28 (Apêndice B, Tabela 02). Dois artigos discutem o formato de se identificar, reconhecer ou encaminhar alunos com AH/SD. Outros três artigos discutem questões de afetividade, atenção, motivação e criatividade em relação aos alunos com AH/SD e o último traz a discussão de políticas públicas.

Os quatro artigos publicados sobre AH/SD, em 2011 (Apêndice G, Tabela 07), tratam de diferentes temas, a saber: características desejáveis em professor de alunos com AH/SD, termos e linguagem, neurociência cognitiva e estudos curriculares e AH/SD. Já em 2010, foram publicados três artigos (Apêndice F, Tabela 06), todos com temas diferentes: neuropsicologia e AH/SD, políticas públicas e a família no investimento do aluno com AH/SD.

Vários anos apresentam dois artigos cada, em que três artigos contribuíram com discussões e revelações de pesquisadores a partir de levantamentos de produções publicadas em diferentes veículos de divulgação sobre AH/SD nos anos de 2012 (Apêndice H, Tabela 08) e 2015 (Apêndice K, Tabela 11). Outros três artigos foram publicados em 2005 (Apêndice A, Tabela 01) e 2008 (Apêndice D, Tabela 04), são sobre o professor, na discussão de seu papel, habilidades e sua relação com o aluno AH/SD.

Os Programas e espaços de trabalho para o aluno com AH/SD também foram contemplados com dois artigos em 2007 (Apêndice C, Tabela 03), pela necessidade de identificação e acompanhamento dos alunos com talento, avançados para sua idade em alguns conteúdos. Os últimos quatro artigos, publicados em 2008, 2009 (Apêndice E, Tabela 05) e 2015, são sobre os alunos com AH/SD. Esses artigos discutem talentos, formas de identificação dos alunos e os desafios enfrentados por um aluno com AH/SD. O ano que menos contribuiu com publicação foi o de 2013 (Apêndice I, Tabela 09), que apresenta um artigo sobre desenvolvimento humano e personalidade do aluno com AH/SD.

Ao analisar os artigos selecionados na Revista Educação Especial de Santa Maria-RS, sobre Altas Habilidades ou Superdotação, foi possível compreender a frequência que esses estudos estão sendo divulgados por pesquisadores do País, como visto nos artigos publicados de 2005 a 2015, em que alguns autores se destacaram, como: Soraia Napoleão Freitas (6 artigos), ClausDieterStobaus (4 artigos), Zenita C. Guenther (4 artigos) e Susana Graciela Pérez Barreira Pérez (3 artigos).

Para a análise dos artigos levantados elencamos três eixos temáticos: formação docente, processo ensino e aprendizagem e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Nossa intenção não foi de analisar todos os artigos mapeados sobre o tema no período definido, mas sim apresentá-los em tabelas, para colaborar com outros possíveis estudos sobre o tema.

No primeiro eixo temático, nossos olhares ficaram atentos à formação docente inicial e continuada, no atendimento a esse Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), os alunos

com Altas Habilidades ou Superdotação, que, muitas vezes, é incompreendido nos espaços escolares, passando por alunos rebeldes, indisciplinados e até mesmo violentos.

Também analisamos como tem sido o processo ensino e aprendizagem dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, cuidando especificamente do ambiente sala de aula, em que entendemos que cabe ao professor ensinar e ao aluno aprender, não destacando o aprender a aprender que alguns intelectuais defendem como proposta pedagógica inovadora (DUARTE, 2001). Importante destacar o significado do “aprender a aprender” para muitos intelectuais da educação na atualidade, que equivocadamente entendem como “[...] um verdadeiro símbolo das posições pedagógicas mais inovadoras, progressistas e, portanto, sintonizadas com o que seriam as necessidades dos indivíduos e da sociedade do próximo século” (DUARTE, 2001, p. 20).

Fechamos a análise dos artigos da Revista Educação Especial, apresentando o que esses autores pensam sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE), como estão as pesquisas no País sobre o tema, e como tem sido as ações que buscam a melhoria do atendimento desses alunos, com o fito de compreender como se dá o resultado do trabalho da equipe do AEE para o desenvolvimento do aluno na sala de aula.

## **2.1 Formação Docente**

Pensar na inclusão do aluno PAEE é também pensar a relação entre a formação dos professores e suas práticas pedagógicas. Contribuindo com o desenvolvimento de fundamentos para a formação de professores, pensando nas definições de conteúdos e formas de aprendizagem.

Foi pensando nesse processo de atuação dentro da sala de aula, que Terra e Gomes (2013) acreditaram que a formação inicial e continuada dos docentes frente ao processo de inclusão escolar “[...] são variáveis e premissas decisivas para o sucesso e a efetivação das leis inclusivas de nossas instituições escolares, assim, conhecê-las torna-se uma necessidade imperativa, na construção de uma educação mais justa e verdadeiramente inclusiva, no respeito à diversidade e diferença dos educandos”. (TERRA; GOMES, 2013, p. 113).

“[...] não basta ao educador dominar os mecanismos de transmissão dos conteúdos, é necessário transpor os modelos e métodos tradicionais de ensino, com reflexões que se constituem por processos de pensamentos distintos, que se complementam na qualidade reflexiva do professor”, como ressalta Benisterro e Junior (2005):

[...] e não se pode estranhar: o talento acadêmico é intimamente familiar à educação, porque caracteriza os “bons alunos”, os quais já há décadas se comprovou que serão “bons professores”. Até mesmo os que se dedicam a outras profissões, tornam-se melhores professores que profissionais atuantes, talvez por haverem desenvolvido o “talento acadêmico” mais que a área de interesse profissional. Portanto, desenvolver intencionalmente o talento acadêmico pode ser uma das vias para localizar futuros “bons professores”. (apud GUENTHER, 2009, p. 289).

Um dos empecilhos para a educação de qualidade é a formação docente inicial e continuada dos professores. Segundo Martins e Alencar (2011, p. 32) “muitos são os desafios e dificuldades à implementação pela escola regular de um atendimento especial ao aluno com Altas Habilidades ou Superdotação [...]”. O professor, além de desconhecer a legislação brasileira, a qual oferece respaldo ao aluno talentoso e obrigatoriedade em seu atendimento, não tem sido preparado para atender adequadamente àqueles alunos que se destacam por um potencial superior.

Contudo, não somente a formação do professor é uma necessidade, há de se pensar como ocorrerá esse processo ou até mesmo em estratégias adequadas para realizar a referida formação, objetivando, entre outros aspectos, destacar as características necessárias ao professor habilitado para atuar junto a alunos com Altas Habilidades ou Superdotação. (MARTINS; ALENCAR, 2011, p. 33).

Ao mesmo tempo em que Terra e Gomes (2013, p. 113) destacam que:

[...] são os professores que essencialmente carregam a árdua tarefa de conciliar, mesmo com todas as carências existentes no sistema educacional brasileiro suas atividades, a fim de atingir satisfatoriamente a todos os seus alunos, inclusive, os alunos PAEE, visando transpor todas as dificuldades existentes na sua inserção e inclusão à rede regular de ensino.

Portanto, faz-se necessário um trabalho que considere as expectativas dos professores, no trabalho direto com essa nova clientela, de inclusão dos alunos PAEE e, o conhecimento dos docentes quanto aos aspectos legais e jurídicos que cercam as ações públicas educacionais inclusivas.

Chacon e Martins (2014) acreditam que frente às necessidades educacionais especiais desses alunos e à complexidade do fenômeno Altas Habilidades ou Superdotação, faz-se necessário o envolvimento de profissionais e pesquisadores de diferentes áreas, bem como estudos mais aprofundados nas diferentes modalidades de alunos PAEE.

Conhecer as características desejáveis neste professor é uma busca por particularidades que “desenhem” o perfil do profissional mais adequado para esta atuação. A formação de docentes para atuar na educação de alunos com altas

habilidades/superdotação deve priorizar o desenvolvimento de distintas características desejáveis e necessárias a este professor, ainda pouco divulgadas ou conhecidas, mas que são altamente relevantes no trabalho com alunos superdotados. (MARTINS; ALENCAR, 2011, p. 34).

Martins e Alencar (2011, p. 34) com base no exposto, “afirmam que é importante que as capacitações profissionais tenham também como foco instruções claras e objetivas no que diz respeito a características necessárias nestes docentes, uma vez que este aspecto tem sido negligenciado nos cursos de formação continuada para professores e não pensada com os professores”. Esse formato de trabalho em formação poderia iniciar um processo de melhoria do trabalho em prol do processo ensino e aprendizagem desses alunos.

## **2.2 Processo Ensino e Aprendizagem**

Refletir e pensar metodologias para que sejam postas em prática requer atenção e ser pensado o papel do professor dentro da sala de aula. Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação encontram muitas dificuldades em sua trajetória acadêmica e o professor deve estar atento para que as relações que são estabelecidas e as que se esperam estabelecer dentro da sala de aula, não sejam vistas como negativas.

A sugestão de Rech e Freitas (2005) é que, primeiramente o professor deve conhecer sua turma e verificar se sua estratégia de aprendizagem será viável, afim de não criar um possível elitismo do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação perante seus colegas, e sim fazer com que se sinta útil. Tendo consciência de que irá ensinar, mas também aprender com seus alunos, pois a figura do professor “sabe-tudo”, já está ultrapassada.

Barbosa, Simonetti e Rangel (2005, p. 219) propõem para que se inicie o atendimento ao aluno com Altas Habilidades ou Superdotação: “[...] faz-se necessário proceder a um levantamento das habilidades que o sujeito apresenta, a fim de que sejam planejadas futuras tarefas a serem desenvolvidas com ele” A adoção de programas de enriquecimento como um dos instrumentos desta interface, pode colaborar para evitar uma dupla exclusão do sujeito, e que há uma necessidade de mediação, por meio de programas de enriquecimento, dos sujeitos com altas habilidades, bem como daqueles que apresentam altas habilidades e comportamento obsessivo compulsivo.

Assim, os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandas nos processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nessas duas referências, elaborar

atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento e aprimorar o atendimento dos alunos. (ARANTES; MANTOAN; PRIETO, 2006, p. 58).

Para Mattei (2008) o aluno com Altas Habilidades ou Superdotação pode apresentar comportamentos como sendo o aluno mais aplicado em aula, ou o contrário. Como não existem métodos de identificação precisos que nos revelem quais alunos têm Superdotação ou Altas Habilidades, o professor bem como a equipe escolar, precisam estar atentos às características demonstradas pelos mesmos para que estas relações de poder sejam exercitadas de maneira construtiva, pois “[...] os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, assim como outros alunos, acabam frustrando-se com o ensino e buscam alternativas, muitas vezes, inconvenientes ao professor (perturbando as aulas, “indisciplina”), enquanto outros acabam evadindo da escola”. (MATTEI, 2008, p. 81).

[...] sabemos que cada indivíduo é constituído por meio das relações de poder/saber que se inicia com a família e vai se modificando, e a escola deve constituir uma abordagem de diferentes saberes que influencie na relação professor e aluno, para que haja uma troca mútua de saberes e conhecimentos, desmistificando os estereótipos vinculados ao professor e à criança com Alta Habilidades/Superdotação”. (MATTEI, 2008, p. 82).

Podem ser notados, tanto pelo desempenho quanto pela disciplina, como descreve a Mattei (2008). Mesmo sendo um lugar de inclusão, apresentando-se como um campo de aprendizagem, em certos momentos a escola passa a ser um lugar de exclusão, tornando-se um lugar de submissão e domínio.

[...] É fundamental valorizar as diferenças como constituintes da humanidade e se efetivar como inclusiva num país com uma distribuição de renda desfavorável que já é, por si só, um desafio. Neste sentido, enfatizam que a formação de professores deve visar à construção de novos espaços escolares como instrumentos de transformação e avanço para uma sociedade mais justa e igualitária, valorizando a transmissão do conhecimento como fonte de desenvolvimento de todos os sujeitos, que devem ser compreendidos em sua totalidade e singularidade [...]. (DALL’ACQUA, 2014, p. 133 – 134).

Para Barros e Freire (2015, p. 711) “há uma discussão sobre o desenvolvimento assíncrono e a intensidade das emoções do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação, demonstrando que a criança com Altas Habilidades ou Superdotação apresenta uma subestrutura cognitiva e emocional diferente das demais crianças não dotadas [...]”. A criança não só pensa mentalmente dissemelhante, mas sente e percebe o mundo também de forma

única. Assim, correspondem ao desenvolvimento assíncrono características não comuns no que tange ao nível de consciência, experiências de vida e percepções.

acreditam:

[...] para que o enriquecimento escolar seja implementado, é necessário que haja um consenso entre a equipe de direção, os professores, bem como o envolvimento e comprometimento de toda a comunidade escolar na discussão e no planejamento das atividades, além do estabelecimento de metas, prioridades e objetivos a serem alcançados. (MENDONÇA, MENCIA, CAPELLINI, 2015, p. 724).

Uma vez que o modelo proposto por Renzulli é flexível, nele existem três tipos de atividades de enriquecimento: atividades do tipo I são experiências e atividades exploratórias, com a função de colocar o aluno em contato com as áreas de conhecimento que, geralmente, não são contempladas no currículo regular. Atividades do tipo II têm como objetivo desenvolver nos alunos habilidades de “como fazer”, de modo a instrumentalizá-los a investigar problemas usando metodologias adequadas à área de conhecimento e de interesse. E atividades do tipo III, visam à investigação de problemas reais, por meio da produção de um conhecimento novo, da solução de problemas ou da apresentação de um produto, serviço ou desempenho, cujas atividades desenvolvem habilidades de planejamento, gerenciamento do tempo, avaliação e habilidades sociais de interação com especialistas, professores e colegas.

O talento acadêmico é uma via de expressão de dotação no domínio da inteligência. A noção de inteligência e capacidade intelectual inclui habilidades mentais cognitivas que podem ser observadas, e desenvolvidas, tais como pensamento analítico, senso de observação; pensamento sequencial linear e/ ou espacial não linear, estabelecimento de relações, memória, julgamento, metacognição... Aceleração é comprovadamente a forma mais efetiva de se desenvolver o potencial em alunos que, no dia a dia escolar, sinalizam presença de capacidade intelectual expressa em talento acadêmico: facilidade e gosto por aprender, adquirir, acumular, organizar, produzir conhecimento. (GUENTHER, 2009, p. 290).

Para Mendonça, Mencia e Capellini (2015, p. 725):

[...] o enriquecimento escolar também pode ser ofertado pelo professor, dentro da sala de aula comum, seja com atividades no contraturno, como uma tarefa de casa mais elaborada que a oferecida aos demais alunos da sala de aula ou por meio de outras atividades, como por exemplo, em matemática, ao usar folhetos de supermercado para trabalhar as quatro operações, o professor pode solicitar aos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação para que aprofundem as questões, pensando como ficaria a conta se houvesse uma promoção ou quais produtos um cliente teria de deixar de comprar se tivesse menos dinheiro do que o valor final.

Para que o processo ensino aprendizagem e desenvolvimento desses alunos com Altas Habilidades ou Superdotação tenha êxito, é importante o apoio de toda a equipe educacional da escola, principalmente dos que trabalham para contribuir com os alunos e a equipe escolar, que são os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que são o suporte nesse processo.

### **2.3 Atendimento Educacional Especializado (AEE).**

Para que haja o atendimento à criança com Altas Habilidades ou Superdotação, deve-se pensar em alternativas diferenciadas às possibilidades e necessidades reais de cada contexto socioeducacional, oferecendo um trabalho diferenciado aproveitando as características de cada aluno para o desenvolvimento de seu talento e aproveitando o potencial intelectual por eles apresentado.

Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação são caracterizados pelo alto desempenho ou pela elevada potencialidade, isolada ou combinada. Com a Educação Inclusiva, abrem-se espaços educativos para os sistemas educacionais promover seus alunos, com um conjunto de respostas apropriadas às capacidades, interesses e ritmo de aprendizagem desses alunos. O enriquecimento escolar foi proposto pelo americano Joseph Renzulli (2014) com o objetivo de tornar a escola um lugar onde os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, possam se identificar e desenvolver suas habilidades.

O atendimento e a identificação do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação demanda uma interação entre a educação regular e a educação especial, apoiado pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), com concepções voltadas para as práticas pedagógicas inclusivas. Promovendo debates entre professores e comunidade escolar, de forma que estes expressem a importância de ambientes de aprendizagem integrados.

Para tanto, o projeto político pedagógico da escola deve prever a articulação da escola com instituições de educação superior, centros voltados para o desenvolvimento da pesquisa, das artes, dos esportes, entre outros, entre outros, e promover a cooperação entre estes centros e a escola, oportunizando a execução de projetos colaborativos, que atendem às necessidades específicas dos alunos com altas habilidades/superdotação. (DEL PRETTO; GIFFONI; ZARDO, 2010, p. 22).

A organização curricular, o planejamento, a avaliação e as práticas educacionais devem ser voltadas para a perspectiva da educação inclusiva, frisando no reconhecimento das

diferenças, e atendendo as possibilidades e capacidades, definindo como sistematizador de intencionalidades adquirindo uma prática de observação e reflexão do cotidiano educacional. De modo que o planejamento atenda a características transdisciplinares, globais e de articulação entre sala comum e o AEE. Em pesquisa, Ferreira (2016) identificou algumas atividades que podem ser realizadas no AEE, com base nas respostas de três professores:

Acerca das principais atividades/intervenções realizadas no AEE, são destacados os seguintes elementos: O atendimento é feito em pequenos grupos, com a finalidade de desenvolver ao máximo as potencialidades dos alunos valorizando seu conhecimento prévio, utilizando materiais e jogos pedagógicos conforme as necessidades, interesses e a idade do aluno: socialização, estimular o desenvolvimento da linguagem, desenvolver a autonomia, favorecer a compreensão de conhecimentos, entre outros – (PE 1). Atividades lúdicas, jogos, música, sempre buscando a interação do aluno com as atividades propostas. E a socialização tornando as atividades prazerosas – (PE 2). Principalmente jogos e atividades diferenciadas de acordo com as necessidades e dificuldades que os alunos apresentam, partindo sempre de suas potencialidades e habilidades (jogos diversos e virtuais, caça-palavras, cruzadinhas, etc.) – (PE 3). (FERREIRA, 2016, p. 290-291).

Além de ser um aspecto essencial para o reconhecimento das diferenças na escola, a avaliação pode ser um obstáculo quando compreendida como um elemento sancionador e qualificador. A avaliação tem um sentido reconstrutivo, quando deixa de focar nos resultados obtidos pelos alunos e passa a ser relacionada com as práticas pedagógicas.

Na discussão sobre avaliação é importante destacar as ações e atendimento do AEE, pois os alunos com AH/SD, não são considerados como clientela desse atendimento, o que é uma avaliação precipitada e injusta, considerando que eles também sofrem discriminação e preconceito em sala de aula por questões de relacionamento, incompatibilidade pedagógica, insatisfação com o conteúdo e, muitas vezes, com a metodologia utilizada, entre outras questões apresentadas. Sobre o atendimento dos alunos com AH/SD é importante considerar que:

Acerca da clientela atendida pelo AEE (pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação e transtornos funcionais específicos), convém salientar que o aluno com necessidades educacionais especiais não é uma pessoa ontologicamente deficiente, é um ser como todos os demais, entretanto, possui particularidades no que tange à sua aprendizagem, assim sendo, embora seja “alguém que reúne uma série de atributos que podem pesar desfavoravelmente para uma aprendizagem significativa e eficaz”, é uma pessoa como as demais. (FERREIRA, 2016, p. 287).

Nessa expectativa é que programas vêm sendo criados para ajudar no processo de identificação e prática que desenvolvam o conhecimento e os talentos dessas crianças, como é

o caso do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades ou Superdotação (PAAAH/SD), criado por Delou em 2002, que visa oferecer oportunidades aos alunos matriculados nas diferentes licenciaturas, articulando os objetivos da formação teórico-prática da academia no contexto da pesquisa e da extensão, por intermédio dos serviços prestados à comunidade (FERREIRA, 2016).

Este Programa foi desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, localizada em Niterói, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Os objetivos do projeto são: identificação de alunos com Altas Habilidades ou Superdotação para o trabalho especializado no ambiente escolar e diagnóstico diferencial; orientação à família e à escola para tratar didaticamente com os alunos; orientação para Aceleração de Estudos; Atendimento Educacional Especializado em diferentes espaços de pesquisa universitária; formação teórico-prática para o exercício docente na perspectiva da educação inclusiva e elaboração de trabalhos acadêmicos de pesquisa. (FERREIRA, 2016).

Segundo Pérez e Freitas (2014) as leis, normas e documentos norteadores educacionais determinam e asseguram o direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) dos estudantes com AH/SD, mas a sua execução e a sua aplicabilidade ficam comprometidas por fatores como: “[...] o atrelamento da oferta a uma demanda não aferida; a deficiente compreensão das realidades educacionais regionais; a circunscrição dos dispositivos exclusivamente ao âmbito educacional; o pouco conhecimento (ou mesmo desconhecimento) dessas leis, normas e documentos norteadores e das reais dificuldades e necessidades destes estudantes”. (PEREZ; FREITAS, 2014, p. 110 – 111).

Esses alunos necessitam de estimulação e de atividades de enriquecimento, assim como qualquer outro aluno denominado “normal”, na verdade o que irá diferir será o nível de complexidade da atividade, pois o sujeito com altas habilidades/superdotação necessita de mais estímulos e mais desafios para que o ensino torne-se significativo. (SILVA; PAIXÃO, 2010, p. 460).

Para as autoras, “a representação cultural deturpada leva a pensar que o aluno com AH/SD é uma pessoa rara, que não precisa de nada, que se auto educa, que somente existe em classes privilegiadas, que só pode ser o aluno nota 10 na sala de aula e, principalmente, que não é um aluno com necessidades educacionais especiais, pois este termo é reservado aos alunos com deficiência. A invisibilidade dos alunos com AH/SD está estreitamente vinculada à desinformação sobre o tema e sobre a legislação que prevê seu atendimento, à falta de formação acadêmica e docente e à representação cultural dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD)”. (SILVA; PAIXÃO, 2010, p. 460).

Essa invisibilidade na falta de atendimento e desinteresse recai sobre o pensamento de achar que o atendimento especializado é voltado para a deficiência, pois associam o termo “necessidades educacionais especiais” à deficiência, exclusivamente, e é extremamente raro encontrar o tema nos conteúdos curriculares e isso leva a que muitas pessoas com AH/SD sejam “diagnosticadas”, tratadas e, inclusive, medicadas por patologias como: transtorno de déficit de atenção com (ou sem) hiperatividade, depressão, bipolaridade, por exemplo.

A formação inicial e continuada do profissional que atenda os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação deverá, necessariamente, incluir conhecimentos específicos sobre esta área, ministrados em cursos de formação continuada e inclusive de especialização por todas as instâncias educacionais do País. (PÉREZ; FREITAS, 2014, p. 122).

Uma forma de contribuir seria a inclusão de um módulo sobre Altas Habilidades ou Superdotação nos cursos do AEE, como uma forma de sanar tanta carência e desinformação sobre o tema, como também pensar em atividades para o desenvolvimento extracurricular desses alunos, com atividades no contra turno, e estratégias pedagógicas dentro da sala de aula. (PÉREZ; FREITAS, 2014).

Organizamos os eixos temáticos em três seções, mas, sem dúvida, não seria necessário esse formato, pois são temas que se articulam, que juntos, apresentam resultados mais efetivos em relação às revelações dos autores, considerando o necessário Atendimento Educacional Especializado para os alunos que estão em um processo ensino e aprendizagem que, em muitas situações, se perdem, desanimam e, para esse trabalho envolvendo os dois temas é importante uma formação docente continuada, ou seja, o envolvimento de todos, para buscar uma educação de qualidade para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*As crianças nascem diferentes, com potencialidades e limitações, enfim, com diversidade tal que faz com que cada pessoa seja única. Um aprendem a falar cedo, manifestam talento para fazer oratória. Outras conseguem movimentar-se bem, e aprendem a dançar observando a televisão ou se tornam mini-atletas que sobem nos muros e nas árvores. Outras desenham muito bem, enquanto que outras têm ritmo e uma voz que lhes permitem cantar desde cedo. E assim, cada criança vai, aos poucos, mostrando que tem talentos, que tem possibilidades e também limitações. E esta diversidade é a maior riqueza da natureza humana.*

Maria Júlia Dall'Acqua; Leandro Zaniolo (2009, p. 19).

A diferença não é o problema para a educação inclusiva, mas sim a solução, o que difere é como é vista, e como será trabalhada. Essa pesquisa buscou conhecer, entender como é vista a criança com Altas Habilidades ou Superdotação, e ao tentar responder a essas questões, verificou como esses alunos são tratados em diferentes regiões do Brasil. Identificamos que muitos são deixados de lado quando são vistos como ameaçadores pelos professores, muitas vezes pelas perguntas, questionamentos, comentários e até mesmo críticas feitas por eles por não conseguirem desenvolver suas funções psíquicas superiores.

Também analisamos os artigos dos autores que publicaram na Revista Educação Especial, no período de 2005 a 2015, a fim de desmistificar o conceito e o mito a respeito das Altas Habilidades ou Superdotação, com atenção aos alunos que se encaixam e caracterizam o grupo. Com essa intenção, buscamos contribuir com profissionais, estabelecimentos e a comunidade, para que conheçam, aprendam a reconhecer as AH/SD, atuar diante de uma criança com altas habilidades ou superdotada, quebrando o mito de que esses alunos são “gênios” e “ameaças”.

Buscando igualdade, para que haja o rompimento do preconceito e até do “medo”, para que no decorrer do processo de aprendizagem da criança superdotada, possam ser reconhecidas suas características, necessidades e especificidades, seus medos, suas aptidões e dificuldades, assegurando a avaliação e o aprimoramento de acordo com suas potencialidades.

Tivemos como base as Leis que dão suporte e asseguram os direitos e deveres tanto da criança, como também da família, escola, comunidade e Estado para ampliar os conhecimentos legais sobre essas garantias. Mantivemo-nos atentos ao que foi conquistado e o que ainda precisa ser feito para a melhoria do atendimento, no ambiente e espaços sociais, que assegurem a interação e inclusão da criança.

Ao mapear os artigos, percebemos o quanto essa temática precisa de atenção e de estudos. Apesar de terem Leis que reconhecem e dão direitos ao atendimento e escolarização às crianças com Altas Habilidades ou Superdotação, pouco se sabe sobre essas crianças: como pensam, o que pensam, e o que precisam para serem incluídas dentro da sala de aula e no meio social.

Por ser um tema recente, ainda apresenta muitas lacunas para estudos e pesquisas. As lacunas verificadas nos artigos pesquisados na Revista Educação Especial, não se completaram quando os autores definiram Altas Habilidades e Superdotação; apresentaram historicamente os termos Altas Habilidades e Superdotação; contemplaram diferentes concepções teóricas sobre os temas; refletiram sobre formação docente, momento que mostraram como os professores vêem essas crianças e o porquê a resistência a respeito de ter um aluno com Altas Habilidades ou Superdotação.

Devido a essa resistência, surge dentro da sala de aula uma aversão, um distanciamento entre esse aluno e o professor, acarretando indisciplina e desinteresse do aluno e a ideia errônea do professor em achar que essas crianças já nascem “prontas”. O professor, ao desconhecer as características do aluno e não buscar informações para adaptar o currículo às necessidades desses alunos, não planeja em sua prática pedagógica, atividades que incentivem e aprimorem os talentos dessas crianças.

Outro fator observado foi a falta de programas que auxiliem a formação docente e continuada dos professores, com também a falta e o não investimento nos programas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que ficam comprometidos por falta de informações e achar que o AEE, é apenas para crianças que apresentam deficiência ou TGD.

Com o intuito de conhecer quem são os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, alguns problemas foram identificados a partir da revelação dos autores dos artigos da Revista Educação Especial, dentre eles: inexistência de trabalhos educacionais que primem pelas habilidades e potencialidades dos alunos; não implementação da legislação em prol dos alunos; poucos estudos mostrando locais específicos que o trabalho em prol do aluno com Altas Habilidades ou Superdotação tem êxito; não atenção à formação docente inicial e continuada para ampliar as possibilidades de identificação dos alunos com Altas Habilidades e Superdotação; não oferta de um processo ensino aprendizagem que tenha atenção ao desenvolvimento desses alunos em todas as áreas do conhecimento, respeitando suas habilidades; falta de um trabalho em equipe multidisciplinar nas salas de recursos multifuncionais, com atenção ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Entendemos que há muito por se fazer em prol de um ensino de qualidade, que respeite as especificidades e singularidades dos alunos PAEE, no caso em estudo, dos com Altas Habilidades ou Superdotação, para que eles não se percam nos emaranhados dos ensinamentos dados, que pouco contribuem com a formação escolar deles. São alunos que quando identificados desde a Educação Infantil, poderão contribuir com os professores, colegas, e quando adultos, com o País.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. A atenção ao aluno que se destaca por um Potencial Superior. **Revista do Centro de Educação**, n. 27, p. 1-5, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4346/2565>>. Acesso em 04 nov. 2016.

ALVES, Edson Pantaleão; SOBRINHO, Reginaldo Celio. Escolarização de alunos com deficiência e as inter-relações família, escola e gestores públicos da educação especial. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 171-184. jan./abr. 2014. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 10 set. 2016.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Os caminhos percorridos pelo processo inclusivo de alunos com deficiência na escola: uma reflexão dos direitos construídos historicamente. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 207-218, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 17 set. 2016.

ARANTES, Valéria Amorim; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BARBOSA, Maria Claudia Dutra Lopes; SIMONETTI, Luci Gelabert; RANGEL, Mary. Relato da vida escolar de pessoas com o transtorno obsessivo compulsivo e altas habilidades: a necessidade de programas de enriquecimento. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, Mai./Ago, 2005, v.11, n.2, p.201-222. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v11n2/v11n2a4.pdf>>. Acesso em 25 out. 2016.

BARROS, Bruna Louzeiro de Aguiar; FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. Desafios na escolarização da criança com altas habilidades/superdotação: um estudo de caso. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 53, p. 709-720, set./dez. 2015. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 15 set. 2016.

BARTOSZECK, Amauri Betini. Neurociências, altas habilidades e implicações no currículo. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 611-626, set./dez. 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14284/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei n.º 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 1996.

BRASIL. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial**. Área de altas habilidades. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2001, 2001a, 2001b.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. **Decreto 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília-DF: Presidência da República, 2011.

BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BENISTERRO, Renata Hernandez; JUNIOR, Klaus Schlunzem. A Formação Continuada de Educadores e as TIC na personalização de pessoas com Deficiência Visual. **Revista do Centro de Educação**, 2005, n. 25, p. 1-6. Disponível em: <[coralx.ufms.br/revce/ceesp/2005/01/a7.hrm](http://coralx.ufms.br/revce/ceesp/2005/01/a7.hrm)> . Acesso em 26 out. 2016.

BECKER, Maria Alice D'Ávila. É possível encontrar talentos nas ruas e em instituições prisionais?. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 689-698, set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14321/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

CARVALHO, Rosita Edler. **A Nova LDB e a Educação Especial**. 3. ed. Rio de Janeiro: WWA, 2002.

CHACON, Miguel Cláudio Moriel; PAULINO, Carlos Eduardo. Reflexões sobre precoces, prodígios, gênios e as altas habilidades, com base na neurociência cognitiva. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 181-194, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 26 maio 2016.

CHACON, Miguel Cláudio Moriel; MARTINS, Barbara Amaral. A produção acadêmico-científica do Brasil na área das altas habilidades/superdotação no período de 1987 a 2011. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v.27, n. 49, p.353 – 372, maio/ago., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/9204/pdf>>. Acesso em 04 nov 2016.

DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza (Org.). **Tópicos em educação especial e inclusiva: formação, pesquisa, escolarização e famílias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. O funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ). **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 675-688, set./dez. 2014. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 20 set. 2016.

DEL PRETTO, Bárbara Martins de Lima; GIFFONI, Francinete Alves; ZARDO, Sinara Pollom. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: altas habilidades/superdotação**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará, 2010.

DÍAZ, Félix et al. (Org.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 354. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285.pdf>>. Acesso em 26 maio 2016.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

FERREIRA, Denize Cristina Kaminski. Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na rede regular pública de ensino paranaense: desafios, limites e possibilidades do paradigma inclusivo. **Revista Educação Especial**, v. 29, n. 55, p. 281-294, maio/ago. 2016, Santa Maria. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X17121>> Acesso em 29 out. 2016.

FREITAS, Soraia Napoleão; STOBÄUS, Claus Dieter. Olhando as altas habilidades/superdotação sob as lentes dos estudos curriculares. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 483-500, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revista/educacaoespecial>>. Acesso em 26 set. 2016.

FREITAS, Soraia Napoleão. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 109-124, jul./set. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n41/08.pdf>>. Acesso em 10 out. 2016.

FLEITH, Denise de Souza. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

FLEITH, Denise de Souza (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores / organização: Denise de Souza Fleith**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me\\_004654.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me_004654.pdf)>. Acesso em 29 out. 2015.

FLEITH, Denise de Souza. Criatividade e altas habilidades/ superdotação. **Revista do Centro de Educação**, n. 28, p. 1-6, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4287/2531>>. Acesso em 04 nov. 2016.

FREEMAN, Joan. Um estudo comparativo de 35 anos com crianças identificadas como superdotadas, não identificadas como superdotadas e com habilidades médias. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 563-581 set./dez. 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14677/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão Escolar: o desafio de uma educação para todos?** 2012. 49 f. Monografia (curso de pós-graduação lato sensu em Educação Especial: deficiência mental e transtornos e dificuldades de aprendizagem). Departamento de Humanidades e Educação (DHE), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí-RS, 2012.

FORTES, Caroline Corrêa; FREITAS, Soraia Napoleão. PIT – Programa de Incentivo ao Talento: um relato das experiências pedagógicas realizadas com alunos com características de altas habilidades. **Revista do Centro de Educação**, n. 29, p. 1-6, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4181/2523>>. Acesso em 05 nov. 2016.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob (Org.). **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GAMA, Maria Clara Sodré Salgado. As Teorias de Gardner e de Sternberg na Educação de Superdotados. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 665-674, set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14320/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

GERMANI, Larice Bonatto; COSTA, Mara Regina Nieckel da; VIEIRA, Nara Joyce W. Proposta de política pública educacional para os alunos com altas habilidades/superdotação no Estado do Rio Grande do Sul. **Revista do Centro de Educação**, n. 28, p. 1-5, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4282/2530>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um Projeto de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUENTHER, Zenita Cunha. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

GUENTHER, Zenita Cunha. Dotação e talento: reconhecimento e identificação. **Revista do Centro de Educação**, n. 28, p 1-8, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4281/2529>>. Acesso em 05 nov. 2016.

GUENTHER, Zenita Cunha. Centros comunitários para desenvolvimento de talentos - O CEDET. **Revista Educação Especial**, n. 30, p. 1-9, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4054/2447>>. Acesso em 05 nov. 2016.

GUENTHER, Zenita Cunha. Aceleração, ritmo de produção e trajetória escolar: desenvolvendo o talento acadêmico. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 35, p. 281-298, set./dez. 2009, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/810/554>>. Acesso em 05 nov. 2016.

MARTINS, Alexandra da Costa Souza; ALENCAR, Eunice Soriano de. Características desejáveis em professores de alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 31-46, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 21 set. 2016.

MARTINS, Barbara Amaral. A produção acadêmico-científica do Brasil na área das altas habilidades/superdotação no período de 1987 a 2011. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 49, p. 353-372, maio/ago. 2014. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>> Acesso em 20 maio 2016.

MATTEI, Giovana. O professor e aluno com Altas Habilidades ou Superdotação: relações de saber e poder que permeiam o ensino. **Revista Educação Especial**, n. 31, p. 75-84, 2008, Santa Maria Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313128949007>>. Acesso em 29 set. 2016.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil**: histórias políticas e públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDONÇA, Lurian Dionizio; MENCIA, Gislaine Ferreira Menino; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Programas de enriquecimento escolar para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação: análise de publicações brasileiras. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 53, p. 721-734, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 29 ago. 2016.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBAUS, Claus Dieter. Vida adulta: superdotação e motivação. **Revista Educação Especial**, n. 28, p. 1-13, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4292/3226>>. Acesso em 04 nov. 2016.

MOSQUERA, Juan José; STOBAUS, Claus Dieter; FREITAS; Soraia Napoleão. Altas Habilidades/Superdotação: abordagem ao longo da vida. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 46, p. 401-420, maio/ago., 2013, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5371/pdf>>. Acesso em 04 nov. 2016.

NAKANO, Tatiana de Cássia; SIQUEIRA, Luciana Gurgel Guida. Revisão de publicações periódicas brasileiras sobre superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 249-266, maio/ago., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3615/3818>>. Acesso em 05 nov. 2016.

NEGRINI, Tatiane; FREITAS, Soraia Napoleão. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. **Revista Educação Especial**, n. 32, p. 273-284, 2008, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/103/76>>. Acesso em 05 nov. 2016.

OLIVEIRA, Cynthia Garcia; ANACHE, Alexandra Ayach. A identificação e o encaminhamento dos alunos com Altas Habilidades / Superdotação em Campo Grande – MS. **Revista do Centro de Educação**, n.27, p. 1-13, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4348/2556>>. Acesso em 04 nov. 2016.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. A identificação das altas habilidades sob uma perspectiva multidimensional. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 35, p. 299-328, set./dez. 2009, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 29 ago. 2016.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 627-640, set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14274/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; STOBÄUS, Claus Dieter. Alberto: um professor do ensino regular e seu 'algo mais' para atender alunos com altas habilidades/ superdotação. **Revista do Centro de Educação**, n. 25, p. 1-6, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4905/2942>>. Acesso em 04 nov. 2016.

PACHECO, José, et al. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RANGNI, Rosimeire de Araújo; COSTA, Maria Piedade Resende da. Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 467-482, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 26 maio 2016.

RECH, Andréia Jaqueline Devalle; FREITAS, Soraia Napoleão. O papel do professor junto ao aluno com Altas Habilidades. **Revista do Centro de Educação**, 2005, n. 25, p. 1-7. Disponível em: <[coralx.ufms.br/revce/ceesp/2005/01/a5.htm](http://coralx.ufms.br/revce/ceesp/2005/01/a5.htm)>. Acesso em 26 out. 2016.

RENZULLI, Joseph. Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 539- 562 set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14676/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006a.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Altas Habilidades/Superdotação – Rompendo as Barreiras do Anonimato**/Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial, Andréia Rosélia Alves Panchiniak (Coord). São José: FCEE, 2011. Disponível em: <[http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=513](http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=513)>. Acesso em 30 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. 2. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006b. 143 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>>. Acesso em 30 out. 2015.

SILVA, Thais Aline Casseb da; PAIXÃO, Dayhammy Fabrizi Sampaio. Sociedade e Altas Habilidades: contribuições e perspectivas. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 38, p. 455-466, set./dez., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1514/1452>>. Acesso em 05 nov. 2016.

SIMONETTI, Dora Cortat; ALMEIDA, Leandro S.; GUENTHER, Zenita Cunha. Identificação de alunos com altas capacidades: uma contribuição de indicadores neuropsicológicos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 36, p. 43-56, jan./abr., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1633/923>>. Acesso em 05 nov. 2016.

TERRA, Ricardo Nogueira; GOMES, Claudia Gomes. A Inclusão escolar: carências e desafios da formação e atuação profissional. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 45, p. 109-124, jan./abr. 2013, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 26 out. 2016.

VALENTIM, Bernadete de Fátima Bastos; VESTENA, Carla Luciane Blum; NEUMANN, Patricia. Educadores e estudantes: um olhar para a afetividade nas Altas Habilidades/Superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 713-724, set./dez. 2014, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 20 set. 2016.

VEIGA, Elizabeth Carvalho da. Altas Habilidades/Superdotação e a psicopedagogia modular: avaliando potencialidades. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 641-648, set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14283/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

VIEIRA, Nara Joyce Wellausen; SIMON, Karolina Waechter. Diferenças e semelhanças na dupla necessidade educacional especial: altas habilidades/superdotação x Síndrome de Asperger. **Revista da Educação Especial**. Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 319-332, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 20 maio 2016.

VIEIRA, Nara Joyce Wellausen. Identificação pela provisão: uma estratégia para a identificação das Altas Habilidades/Superdotação em adultos?. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 699-712, set./dez. 2014, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 30 set. 2016.

VIEIRA, Nara Joyce Wellausen. Políticas públicas educacionais no rio grande do sul: Indicadores para discussão e análise na área das Altas Habilidades/ Superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 37, p. 273-286, maio/ago., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1443/1275>>. Acesso em 05 nov. 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e Introdução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Fundamentos da defectología**. Obras escogidas V. Madrid: Aprendizaje Visor, 1997.

VIRGOLIM, Ângela Mágda Rodrigues. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>>. Acesso em 29 out. 2015.

VIRGOLIM, Angela Mágda Rodrigues. A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas Habilidades/ Superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 581-610, set./dez., 2014, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14281/pdf>>. Acesso em 05 nov. 2016.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: Mitos e realidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZANIOLO, Leandro Osni (Orgs.). **Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores**. Curitiba: CRV, 2009.

## **APÊNDICES**

**Apêndice A:** Dados da Revista Educação Especial de 2005.

**Tabela 01: Revista Educação Especial - 2005**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Andréia Jaqueline Devalle Rech; Soraia Napoleão Freitas.	O papel do professor junto ao aluno com Altas Habilidades.	Apresentar a definição de altas habilidades, baseada na teoria de um pesquisador norte-americano e, como foco principal algumas questões que envolvem o professor de forma mais direta com o aluno com altas habilidades em sala de aula.
Susana Graciela Pérez Barrera Pérez; Claus Dieter Stobäus.	Alberto: um professor do ensino regular e seu 'algo mais' para atender alunos com altas habilidades/superdotação.	Discutir os dados da pesquisa de Pérez (2004) realizada com alunos com altas habilidades/Superdotação (AH/SD), nas sétimas séries e nas turmas C-20 (equivalentes à faixa etária correspondente à sétima série) em duas escolas públicas (uma estadual e uma municipal) de um bairro da cidade de Porto Alegre (RS) no qual se concentra uma população de classes populares.
Maria Claudia Dutra Lopes Barbosa; Luci Gelabert Simonetti; Mary Rangel.	Relato da vida escolar de pessoas com transtorno obsessivo compulsivo e altas habilidades: a necessidade de programas de enriquecimento.	Discutir a oferta de atividades escolares de apoio a estudantes com sintomas ou transtorno obsessivo-compulsivo e altas habilidades/superdotação/talentos, através de atividades psico-educacionais denominadas programas de enriquecimento.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice B:** Dados da Revista Educação Especial de 2006.

**Tabela 02: Revista Educação Especial - 2006**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Cynthia G. Oliveira, Alexandra Ayach Anache.	A identificação e o encaminhamento dos alunos com Altas Habilidades / Superdotação em Campo Grande – MS.	Pesquisa sobre o processo-diagnóstico de identificação e encaminhamento dos alunos com altas habilidades / superdotação, realizado pela Rede Estadual de Ensino na cidade de Campo Grande-MS.
Denise de Souza Fleith.	Criatividade e altas habilidades/ superdotação.	Identificar e estimular a criança com altas habilidades/ superdotação tem se constituído em um desafio para educadores e psicólogos.
Eunice M. L. Soriano de Alencar, Denise de Souza Fleith.	A atenção ao aluno que se destaca por um Potencial Superior.	Discutir a importância de se investir na educação do superdotado e apresenta as principais barreiras ao desenvolvimento de práticas educacionais voltadas para os alunos com potencial superior.
Juan José Mouriño Mosquera, Claus Dieter Stobäus.	Vida adulta: superdotação e motivação.	Aprofundar as relações existentes entre o desenvolvimento humano adulto, entendido como um desenvolvimento para toda a vida; a superdotação.
Larice Bonatto Germani, Mara Regina Nieckel da Costa, Nara Joyce W. Vieira.	Proposta de política pública educacional para os alunos com altas habilidades/superdotação no Estado do Rio Grande do Sul.	Apresentar a Proposta de Política Pública Educacional para os Alunos com Altas Habilidades/Superdotação no Rio Grande do Sul.
Zenita C. Guenther.	Dotação e talento: reconhecimento e identificação.	Expor a visão geral do conhecimento existente sobre reconhecimento e localização de potencial, dotação e talento em escolares.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice C:** Dados da Revista Educação Especial de 2007.

**Tabela 03: Revista Educação Especial - 2007**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Caroline Corrêa Fortes, Napoleão Freitas.	PIT – Programa de Incentivo ao Talento: um relato das experiências pedagógicas realizadas com alunos com características de altas habilidades.	Discutir acerca da prática educativa com alunos com características de altas habilidades das escolas públicas e particulares de Santa Maria/RS.
Zenita C. Guenther.	Centros comunitários para desenvolvimento de talentos - O CEDET.	O Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento, CEDET, (GUENTHER, 2002 - 2006) desenvolve um programa educacional para estudantes dotados e talentosos integrado ao sistema escolar, que visa diminuir a distância entre o que se sabe, pelos resultados de estudos científicos e o que se faz, nessa área, no trabalho educacional com crianças e jovens.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice D:** Dados da Revista Educação Especial de 2008.

**Tabela 04: Revista Educação Especial - 2008**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Giovana Mattei	O professor e aluno com Altas Habilidades ou Superdotação: relações de saber e poder que permeiam o ensino	Observar a relação de poder e saber que se estabelecem entre ambos no processo de ensino tendo como foco os alunos portadores de altas habilidades.
Tatiane Negrini; Soraia Napoleão Freitas	A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes	propósito realizar uma discussão a respeito da identificação dos alunos com altas habilidades/superdotação, articulando com algumas idéias propostas pela educação inclusiva.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice E:** Dados da Revista Educação Especial de 2009.

**Tabela 05: Revista Educação Especial - 2009**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Susana Graciela Pérez Barrera Pérez.	A identificação das altas habilidades sob uma perspectiva multidimensional.	Apresentar cinco instrumentos para a identificação dos indicadores de AH/SD em alunos de 10 a 18 anos e adultos e um instrumento de triagem para alunos de 6 a 9 anos que podem ser utilizados no ensino básico e superior.
Zenita C. Guenther.	Aceleração, ritmo de produção e trajetória escolar: desenvolvendo o talento acadêmico.	Discutir a temática da aceleração vista como meio para desenvolver o talento acadêmico, também a expressão da inteligência, com domínio de capacidade, que tem sido mais e talvez melhor estudada, na área de dotação e talento.

Fonte: Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice F:** Dados da Revista Educação Especial de 2010.**Tabela 06: Revista Educação Especial - 2010**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Dora Cortat Simonetti, Leandro S. Almeida, Zenita Guenther.	Identificação de alunos com altas capacidades: uma contribuição de indicadores neuropsicológicos.	Apresentar alguns dados sobre a convergência entre medidas psicométricas de inteligência e indicadores fisiológicos da actividade mental em adolescentes com alta capacidade intelectual.
Nara Joyce Wellausen Vieira	Políticas públicas educacionais no rio grande do sul: Indicadores para discussão e análise na área das Altas Habilidades/ Superdotação.	Discutir e analisar as ações de implantação da proposta de política pública educacional no Rio Grande do Sul.
Thais Aline Casseb da Silva, Dayhammy Fabrizi S. Paixão.	Sociedade e Altas Habilidades: contribuições e perspectivas.	Investigar e conhecer a importância de investir no indivíduo alto habilidoso e como a família influencia nesse contexto.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice G:** Dados da Revista Educação Especial de 2011.**Tabela 07: Revista Educação Especial – 2011**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Alexandra da Costa Souza Martins; Eunice Soriano de Alencar.	Características desejáveis em professores de alunos com altas habilidades/superdotação.	Investigar a formação desejável em um docente para atender alunos com altas habilidades/superdotação, as características desejáveis nos referidos docentes e concepções sobre altas habilidades/superdotação.
Rosemeire de Araújo Rangni; Maria Piedade Resende da Costa.	Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens	Objetiva o estudo sobre a utilização da terminologia na área de altas habilidades/superdotação por diversos autores brasileiros, com pesquisas em artigos publicados na Revista Educação Especial, de Santa Maria, RS, edições de 2001 a 2010.
Miguel Cláudio Moriel Chacon, Carlos Eduardo Paulino.	Reflexões sobre precoces, prodígios, gênios e as altas habilidades, com base na neurociência cognitiva.	Entender os precoces, prodígios, gênios e altas habilidades como resultantes de um processo único das formações da memória.
Soraia Napoleão Freitas; Claus Dieter Stobäus.	Olhando as altas habilidades/superdotação sob as lentes dos estudos curriculares	Trazer visibilidade a uma discussão curricular fortemente marcada pela prática educativa de aprendizes com altas habilidades/superdotação, tendo como ‘farol sinalizador’ os princípios da política de inclusão escolar.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice H:** Dados da Revista Educação Especial de 2012.**Tabela 08: Revista Educação Especial - 2012**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Nara Joyce Wellausen Vieira; Karolina Waechter Simon.	Diferenças e semelhanças na dupla necessidade educacional especial: altas habilidades/superdotação x Síndrome de Asperger.	Realizar uma busca em publicações de período de 2000 até 2011, a respeito das características comuns e diferentes ao sujeito com síndrome de Asperger e altas habilidades/superdotação, assim como, também, relacionar o número de publicações encontradas na Educação Especial e a Educação.
Tatiana de Cássia Nakano, Luciana Gurgel Guida Siqueira.	Revisão de publicações periódicas brasileiras sobre superdotação.	Realizar uma revisão das publicações periódicas brasileiras sobre superdotação em duas bases de dados, Scielo e Pepsic.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice I:** Dados da Revista Educação Especial de 2013.

**Tabela 09: Revista Educação Especial - 2013**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Juan José Mosquera, Claus Dieter Stobäus, Soraia Napoleão Freitas.	Altas Habilidades/Superdotação: abordagem ao longo da vida.	Aprofundar em aspectos do desenvolvimento humano e o da personalidade ao longo da vida, para logo aprofundar na temática das AH/SD, comentando ao final algumas possibilidades de atenção a estas pessoas.
Ricardo Nogueira Terra; Claudia Gomes Gomes.	A Inclusão Escolar: carências e desafios na formação e atuação profissional.	Caracterizar o preparo profissional dos professores, no que se refere aos aspectos de formação inicial e continuada, assim como o conhecimento dos aspectos legais e jurídicos que cercam as políticas públicas educacionais inclusivas.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice J: Dados da Revista Educação Especial de 2014.**

**Tabela 10: Revista Educação Especial – 2014**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Amauri Betini Bartoszeck.	Neurociências, altas habilidades e implicações no currículo.	Compreender, o sistema nervoso que serve de pano de fundo para auxiliar o entendimento da ponte teórico-experimental da relação de neurociências e altas habilidades.
Angela Márgda Rodrigues Virgolim.	A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação.	Focalizar o Modelo de Enriquecimento Escolar nos seus aspectos de concepção, identificação e avaliação da superdotação, apresentando os principais instrumentos utilizados por Renzulli para cada um destes propósitos.
Bernadete Fátima B. Valentim; Carla L. B. Vestena; Patricia Neumann.	Educadores e estudantes: um olhar para a afetividade nas Altas Habilidades/Superdotação.	Discutir a importância da afetividade em estudantes com AH/SD.
Cristina Maria Carvalho Delou.	O funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ).	Apresentar o funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD), realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.
Elizabeth Carvalho da Veiga.	Altas Habilidades/Superdotação e a psicopedagogia modular: avaliando potencialidades.	Apontar a funcionalidade dos sistemas inteligentes, reconhecendo a existência ou não, de altas habilidades.
Joan Freeman.	Um estudo comparativo de 35 anos com crianças identificadas como superdotadas, não identificadas como superdotadas e com habilidades médias.	Descobrir por que e quais poderiam ser as consequências, em 1974, na Inglaterra, com 70 crianças identificadas como superdotadas.
Joseph Renzulli.	Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação.	Apresentar o principal objetivo do SEM, que é a aplicação da pedagogia educacional para alunos superdotados ao enriquecimento total da escola e a uma aprendizagem desfrutável.
Maria Alice D'Ávila Becker.	É possível encontrar talentos nas ruas e em instituições prisionais?	Identificar talentos em populações que estão excluídas dos programas de atendimento para altas habilidades em nosso país.
Maria Clara Sodré Salgado Gama.	As Teorias de Gardner e de Sternberg na Educação de Superdotados.	Propor duas conceituações de inteligência – diferentes, porém compatíveis – na fundamentação teórica do trabalho com alunos superdotados.
Miguel Claudio Moriel Chacon; Barbara Amaral Martins.	A produção acadêmico-científica do Brasil na área das altas habilidades/superdotação no período de 1987 a 2011.	Identificar e analisar teses e dissertações que se propõem a investigar a temática das altas habilidades/superdotação, verificando a participação da área da Educação nessas pesquisas.
Nara Joyce Wellausen Vieira.	Identificação pela provisão: uma estratégia para a identificação das Altas Habilidades/Superdotação em adultos?	Identificar os indicadores de altas habilidades/superdotação nos acadêmicos participantes do Programa de Educação Tutorial (PET) na UFSM.
Susana Graciela Barrera Pérez e Soraia Napoleão Freitas.	Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso.	Analisar as políticas públicas brasileiras para alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), considerando a legislação vigente à data.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.

**Apêndice K:** Dados da Revista Educação Especial de 2015.

**Tabela 11: Revista Educação Especial - 2015**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo Geral</b>
Bruna Louzeiro de Aguiar Barros; Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.	Desafios na escolarização da criança com altashabilidades/superdotação: um estudo de caso.	Investigar aspectos da constituição de si de uma criança com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no contexto da escola.
Lurian Dionizio Mendonça; Gislaine Ferreira Menino Mencia; Vera Lúcia Messias Fialho Capellini.	Programas de enriquecimento escolar para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação: análise de publicações brasileiras.	Analisar a produção nacional de artigos científicos, no período de 2000 a 2012, referentes aos programas de enriquecimento escolar, com o propósito de descrever como os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação são atendidos nesses programas.

**Fonte:** Site da Revista Educação Especial de Santa Maria.